

Crítica // Verissimo ★★★

# Um cotidiano bem realista

Sem sobressaltos ou grande dramaticidade, o dia a dia do escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo é captado em documentário de Angelo Defanti

Ricardo Daehn

A emoção habita o introvertido escritor Luis Fernando Verissimo em momentos precisos: quando está cercado dos netos ou quando acompanha o desempenho do Inter numa tela de tevê. Quem esquadra momentos tão íntimos do escritor, em vivência alimentada por mais de sete anos, é o cineasta Angelo Defanti. Num casa sólida, atonetada de livros, horas são preenchidas pelas sessões de fisioterapia do ilustre filho do gigante

Erico Verissimo (“também cardíaco, mas mais social”) com quem, Luis confidencia, não discutia literatura. No mais, o dia a dia do autor estampa na tela.

Modesto (“Não entendo nada da vida”, diz), generoso e criterioso — tal qual nas crônicas — (e em textos como os de *Comédias da vida privada* e *O analista de Bagé*), Luis Fernando curte muito da solidão, em frente às câmeras, na mesma proporção em que é cortês com aproximações. Todos querem um naco do escritor e há intensa movimentação, à era dos seus 80 anos; ele vibra, nem tão exaltado como aqueles que o cercam. Sintético, prefere a perspicácia da observação e uma compreensível solidão. No filme, há reflexo de uma confiança conquistada. Descontraído, dentro do que seja, Verissimo

SOBRETUDO PRODUÇÃO/DIVULGAÇÃO



Verissimo se tornou o centro do documentário de Angelo Defanti

## ENTREVISTA Fernanda Verissimo, filha de L. Fernando Verissimo

**Como viu o universo do teu pai ser comprimido diante da rudeza da pandemia?**

A pandemia foi complicada porque impediu que eles fizessem o que mais gostam: sair com amigos, viajar, manter a casa cheia. Mas como não pegaram covid e tinham meios de se manter confortavelmente, não foi tão terrível quanto para a maior parte das pessoas. O grande azar aconteceu no final da pandemia, quando meu pai teve o AVC, do qual não se recuperou bem. Esse, sim, reduziu o universo dele.

**O que a família achou de tomar parte do documentário? E qual o veredicto?**

Acho que todos entramos na brincadeira sem pensar muito. Nem demos muita atenção ao Angelo (diretor)! Se tivéssemos pensado um pouco, talvez a sensação fosse de apreensão: já pensou o perigo de ter alguém andando pela sua casa com uma câmera e microfone aberto? A apreensão teria sido desnecessária. Minha irmã Mariana achou que o filme é uma homenagem afetuosa ao nosso pai e à família.

crava algumas traquinagens, como abusar dos doces e se

dar ao luxo de, eventuais, bebericadas em álcool.

Crítica // Férias trocadas ★★

PARIS FILMES



Edmilson Filho e Carol Castro: a versão rica no filme

## Comédia de ricos e pobres

Bruno Barreto, como diretor, tem vasto leque de nuances na carreira de resultados robustos como *Dona Flor e seus dois maridos* e *Flores raras*, mas embarca em frias, por vezes, como em *Crô: o filme* e *Voando alto*. *Férias trocadas* integra este segundo time, de segunda. Coadjuvantes como Gustavo Mendes (que fez carreira como imitador de Dilma Rousseff) e a

excepcional Luciana Paes roubam, com alto brilho, todas as cenas dos protagonistas — termômetro para se perceber a parca graça de Edmilson Filho, em dose dupla no longa, na pele dos homônimos José Eduardo. Toda a pretensa graça vem de uma situação: rico e pobres são reposicionados de castas, em paradisíacas (ou nem tanto) férias pela Colômbia. (RD)